

MAGIA E TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA: A HERESIA NA OBRA DE GIORDANO BRUNO

MAGIC AND TRANSMIGRATION OF THE SOUL: HERESY IN THE WORK OF GIORDANO BRUNO

MAGIA Y TRANSMIGRACIÓN DEL ALMA: HEREJÍA EN LA OBRA DE GIORDANO BRUNO

Alberes Lopes de Lima*, Mayara Lopes de Freitas Lima**

de Lima, A. L., Lima, M. L. de F. (2026). Magia e transmigração da alma: a heresia na obra de Giordano Bruno. *Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias*, 21(2), e-23308 <https://doi.org/10.14483/23464712.23308>

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade explicitar, por meio de uma reflexão documentada na obra *Tratado da magia*, de Giordano Bruno, suas concepções acerca da magia e, em especial, da polêmica extrapolação decorrente de sua ideia de transmigração da alma. A questão central que se coloca é: dentre as supostas heresias imputadas a Giordano Bruno, qual o papel desempenhado pela sua formulação de magia e de alma em sua condenação? Em seguida à descrição dos pontos fundamentais de sua obra, destacam-se os conceitos defendidos por ele: o de espírito único, o de alma do mundo e o de transmigração da alma. Bruno distingue vários sentidos dos termos mago e magia, apresenta uma ampla compilação sobre eles e demonstra sua grande erudição no que se refere ao conhecimento profundo do ocultismo. Um ponto controverso na obra de Bruno é seu conceito de animismo. Sua concepção fulcral de uma alma do mundo, que estaria em todo lugar e se espalharia, ampliava o conceito de alma também aos seres vivos (animais e vegetais) e aos inanimados. Ele também defendia a existência da transmigração da alma: uma alma poderia, de onde se encontra, agir sobre uma alma vizinha. Seu comportamento, essas e outras posições consideradas heréticas resultaram em punições, multas, excomunhões e a Inquisição, culminando em sua morte na fogueira.

Palavras-Chave: história da ciência; filosofia da ciência; inquisição; animismo.

Abstract

The present work aims to explain, through a reflection documented in Bruno's *Treatise on Magic*, his conceptions of magic and, in particular, the controversial extrapolation

* Doutor em Física. Colégio Militar do Recife, Brasil, prof.alberes@gmail.com, ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-7959-8751>

**Mestra em Ensino das Ciências. Universidade Federal Rural de Pernambuco, maybiologicas@gmail.com, ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-0231-3513>

Recibido: marzo 6 de 2025, aceptado: mayo1 de 2026

arising from his idea of the transmigration of the soul. The central question that arises is: among the supposed heresies attributed to Bruno, what role did his formulation of magic and the soul play in his condemnation? Following the description of the fundamental points of his Treatise, the concepts he defended of a single spirit or the soul of the world and the transmigration of the soul stand out. Bruno distinguishes various meanings of the terms magician and magic, presents a broad compilation of them, and demonstrates his great erudition with regard to in-depth knowledge of the occult. A controversial point in Bruno's work is his concept of animism. His central conception of a world soul, which would be everywhere and all-pervading, expanded the concept of soul to include living beings (animals and plants) as well as inanimate objects. He also defended the existence of transmigration of the soul: a soul could, from where it is located, act on a neighboring soul. This and other positions considered heretical put him in danger of death. His behavior resulted in punishments, fines, excommunications, and the Inquisition, culminating in his death at the stake.

Keywords: history of science; philosophy of science; Inquisition; animism

Resumen

El presente trabajo pretende explicar, a través de una reflexión documentada en la obra Tratado de Magia de Giordano Bruno, sus concepciones sobre la magia y, en particular, la controvertida extrapolación derivada de su idea de la transmigración del alma. La cuestión central que surge es: entre las supuestas herejías atribuidas a Giordano Bruno, ¿qué papel jugó en su condena su formulación de la magia y del alma? Siguiendo la descripción de los puntos fundamentales de su Tratado de Magia, destacan los conceptos que defendió de un solo espíritu y la transmigración del alma. Todavía, Bruno distingue varios significados de los términos mago y magia, presenta una amplia recopilación de ellos y demuestra su gran erudición en lo que respecta al conocimiento profundo de lo oculto. Un punto controvertido en la obra de Bruno es su concepto de animismo. Su concepción central de un alma mundial, que estaría en todas partes y se extendería, amplió el concepto de alma para incluir seres vivos (animales y plantas) e inanimados. También defendió la existencia de la transmigración del alma: un alma podría, desde donde se encuentra, actuar sobre un alma vecina. Esta y otras posiciones consideradas heréticas lo pusieron en peligro de muerte. Su comportamiento se tradujo en castigos, multas, excomuniones y la Inquisición, y culminó con su muerte en la hoguera.

Palabras Clave: historia de la ciencia; filosofía de la ciencia; inquisición; animismo

1. Introdução

O termo "magia" desperta a curiosidade das pessoas há bastante tempo. Pode-se dizer que o imaginário popular, estimulado pela arte (filmes, literatura, por exemplo), confere ao termo um significado bem além do que está associado ao seu conceito. Por isso, ao se escrever sobre o tema, deve-se deixar claro que o presente texto não se refere a uma imersão esotérica. Trata-se de uma análise acadêmica que examina o

conceito de magia, em especial a obra de Giordano Bruno (1548-1600), *Tratado da magia*. Este artigo é fruto de uma análise documentada, baseada numa pesquisa bibliográfica qualitativa.

Pretende-se também ter precaução na presente discussão para que não se cometam desvios do objetivo traçado, uma vez que o tema da magia exerce, mesmo em mentes esclarecidas, em maior ou menor grau, certo fascínio. Seu conteúdo esotérico, às vezes disfarçado como “teosofia”, “pseudociências”, “espiritismo”, “espiritualismo” (ou outras -logias e -ismos diversos), é capaz, segundo Malinowski (2022, p.52), de, em parte, parecer “despertar em todos nós certas forças mentais latentes, alguma esperança remanente no milagroso ou certas crenças nas misteriosas potencialidades humanas antes adormecidas”.

Assim, mesmo que o tema tratado aqui tenha apelo fora da ciência, a análise será feita com rigor científico, para que o assunto seja discutido sem cair em idolatria. Nesse ponto, deve-se mencionar que, de acordo com Frazer (1890), a magia foi considerada pelo homem primevo como a forma de controlar o curso da natureza para fins práticos, sentindo-se poderoso, pois, por meio de ritos e encantamentos, acreditava poder dominar os animais, as plantações, o clima e os ventos, subjugando-os à sua vontade. Quando o ser humano percebeu as limitações de seus supostos poderes mágicos, inclinou-se a seres superiores, como espíritos ancestrais, demônios ou divindades (Malinowski, 2022, p.12).

Daí, a essência da diferenciação entre religião e magia: enquanto a primeira se apoia em forças superiores (externas ao controle humano), a magia crê no controle direto do homem sobre o universo. Compreende-se, portanto, a partir dessa diferença, o fascínio despertado pela magia: intrinsecamente, ela exprime a suposta capacidade do ser humano de subjugar a natureza. Mas, para que a magia funcione, o mago deve respeitar todo tipo de tabus, ritos e encantamentos, caso contrário o resultado que se quer obter da magia pode ser prejudicado.

Também se faz necessário destacar que, apesar de se buscar comparar a magia com a ciência, posto que esta última tem como objetivo explicar a natureza e ambas seguem regras e preceitos determinados, é importante distingui-las formalmente, para que tal confusão outrora existente seja desfeita no nível de progresso que a humanidade alcançou hoje. Malinowski esclarece a radical diferença entre magia e ciência:

A ciência surgiria da experiência; a magia seria produzida pela tradição. A ciência seria orientada pela razão e corrigida pela observação; a magia, impermeável a ambas, encontrar-se-ia em uma atmosfera mística. A ciência seria acessível a todos, constituindo um bem partilhado pela comunidade como um todo. A magia viveria de modo oculto, sendo ensinada por meio de iniciações misteriosas e transmitida por uma filiação hereditária ou, no mínimo, muito exclusiva. A ciência se basearia na ideia de força natural, ao passo que a magia irromperia da noção de poder místico e impessoal, crença presente na maioria dos povos primitivos (Malinowski, 2022, p.13).

Tratando-se de uma abordagem acadêmica, a análise que será desenvolvida no presente artigo tem como objetivo apresentar como Giordano Bruno encarava a magia e como suas considerações acerca do tema levaram a conjecturas complexas, como a transmigração da alma e as supostas “humanidades” habitantes de outros corpos celestes.

2. Metodologia

A metodologia refere-se, de forma mais abrangente, ao estudo dos métodos que, no presente caso, consistem em itinerários que conduzem ao saber científico. O presente caso tem como finalidade explicitar, por meio de uma reflexão documentada na obra *Tratado da magia*, de Giordano Bruno, suas concepções acerca da magia e, em especial, da polêmica extrapolação decorrente de sua ideia de

transmigração da alma. A questão central que se coloca é: dentre as supostas heresias imputadas a Giordano Bruno, qual o papel desempenhado pela sua formulação de magia e de alma em sua condenação?

A presente pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, tendo como fonte primária a obra de Bruno (2008) e, como referencial teórico sobre o assunto, o estudo de Malinovski (2022). A investigação foi conduzida em três etapas principais, visando atingir os seguintes objetivos específicos: a) Investigar o conhecimento acerca de magia que aparentemente tornou Giordano Bruno suspeito aos olhos do Santo Ofício; b) Compreender as percepções que ele defendia acerca da transmigração da alma; c) Avaliar o impacto dessas percepções em sua condenação.

A apresentação do artigo está estruturada da seguinte forma: inicialmente, uma introdução ao tema da pesquisa. Após a presente metodologia, um breve relato da vida de Giordano Bruno. Em seguida, a descrição dos pontos fundamentais de seu *Tratado da Magia*, destacando os conceitos defendidos por ele de espírito único ou a alma do mundo e de transmigração da alma. A partir disso, realiza-se uma discussão sobre os objetivos específicos propostos. Finalmente, são apresentadas as considerações finais.

3. Giordano Bruno

Giordano Bruno nasceu em 1548, em Nola, uma comuna italiana da região de Campania, província de Nápoles, filho de um soldado profissional. Giordano Bruno recebeu no batismo o nome de Filippo Bruno. Em 1562, ele foi para Nápoles estudar humanidades, lógica e dialética (argumentação). Foi lá que teve, então, sua atenção voltada para o averroísmo (o pensamento de vários filósofos cristãos ocidentais que se inspiraram na interpretação de Aristóteles apresentada pelo filósofo espanhol muçulmano Averrões (1126-1198)), inspirado pelas palestras de Giovanni Vincenzo de Colle (m. 1574), conhecido como Il Sarnese (Granada, 1999). Nessa época, interessou-se também por obras sobre dispositivos e artes da memória (obras mnemotécnicas).

De acordo com estudos recentes, como o de Malaguti (2018), Bruno tinha interesse nas teorias científicas e filosóficas dos muçulmanos, mas sua visão geral sobre o islamismo era vaga e condicionada pelas crenças de sua época. Além disso, Averrões foi o único pensador islâmico que o influenciou de forma significativa.

Aos 17 anos, em 1565, ingressou no monastério dominicano de San Domenico Maggiore, em Nápoles, onde adotou o nome Giordano, em homenagem a um de seus mestres. Durante seu período no monastério, ele demonstrou dúvidas teológicas e interessou-se por livros proibidos, como os escritos de Erasmo de Roterdã (1466-1536). Apesar desses estorvos, em 1572, Bruno foi ordenado e, durante cinco anos, exerceu sua função de monge (Arantes, 2023).

Devido à sua rebeldia, não demorou para que Bruno começasse a ser perseguido. Os dominicanos o submeteram a um processo por heresia, o que o levou a fugir para Roma, em fevereiro de 1576. Em seguida, foi injustamente acusado de assassinato, o que culminou em sua excomunhão, o que, em abril do mesmo ano, o levou a empreender uma nova fuga (Arantes, 2023).

Seguiu-se, então, um período no qual Bruno, agora excomungado, perambulou pelo norte da Itália até abraçar formalmente o calvinismo, em 1578, em Genebra. Mas, como se pode compreender, alguém dotado de ousadia como Bruno não se conformaria em se sujeitar a amarras, de modo a não causar

nenhuma surpresa, e, não suportando a intolerância, decidiu abandonar o calvinismo (nesse período, ele foi sujeito a prisão, multas, condenação e excomunhão) (Arantes, 2023).

Posteriormente, teve uma passagem pelo luteranismo, mas logo foi forçado a abandonar esse caminho, tornando-se um pregador errante que difundia suas ideias em universidades europeias, ao mesmo tempo em que entrava em constantes choques tanto com católicos quanto com protestantes (Rowland, 2009). Bruno chegou a Toulouse, vindo de Genebra, através de Lyon, sem uma única moeda sequer. É bom deixar claro que nem sempre suas ideias agradaram aos acadêmicos. Teve problemas, por exemplo, nas universidades de Toulouse, Sorbonne e Oxford.

Após um período em Paris e Londres (onde começou a escrever seus livros mais famosos), retornou à Itália. Em Veneza, Giordano Bruno foi denunciado e encarcerado pela Inquisição. Foi atraído para uma armadilha em 1592 por um católico fanático, Giovanni Mocenigo (1558-1623), que o prendeu e denunciou ao Santo Ofício. É bom destacar que, embora diversos textos afirmem que o doge de Veneza, Giovanni di Mocenigo, teria sido o responsável por essa façanha. Todavia, Giovanni di Mocenigo (1408–1485) foi doge de Veneza de 1478 a 1485 e, portanto, faleceu bem antes de Giordano Bruno. Na verdade, conforme Santos (2019), foi Giovanni Mocenigo quem ordenou a prisão de Bruno, um nobre veneziano descendente do doge Mocenigo.

Dentre as acusações que pesaram contra Giordano Bruno, encontram-se as seguintes: idealizar uma reforma geral na Igreja católica, criticar a existência do Santo Ofício, bem como dos métodos violentos que este utilizava, negação da Santíssima Trindade, negação da virgindade de Maria, da encarnação de Deus (em Cristo), da transubstanciação e dos milagres de Cristo e dos apóstolos (os quais considerava como oriundos de magia), sustentar ideias de metempsicose/transmigração da alma, numa clara heresia teológica, defender a pluralidade de mundos e recorrer à magia como bruxaria (Lopes, 2014). Em sua defesa, admitiu algumas de suas acusações relativas às questões de fé, utilizando a seu favor o fato de que seus argumentos se baseavam em aspectos filosóficos e não religiosos. Naturalmente, seus argumentos não foram suficientes para sua absolvição.

A Inquisição exigiu sua transferência para Roma, o que ocorreu, sem qualquer esforço das autoridades seculares de Veneza para evitar a extradição (Naess, 2025). Nesse ponto, destaca-se que, segundo Naess (2015, p. 35), não se sabe exatamente por que Bruno foi condenado. Sabe-se que o cardeal jesuíta Roberto Belarmino (1542-1621) desempenhou um papel decisivo no julgamento de Giordano Bruno. Ele relacionou, conforme Naess (2015), oito opiniões heréticas proferidas nos escritos de Bruno e pediu-lhe que as renunciasse e abjurasse incondicionalmente. Com relação às proposições de Belarmino, sabe-se que

Bruno contesta as proposições elencadas, não as considera como tendo cunho herético, mas deveriam ser analisadas a partir do mérito de temas que mereciam ser amplamente discutidos. Tal refutação foi feita em 25 do mesmo mês [janeiro de 1599]. O tribunal recusa a interpretação do acusado sobre as referidas proposições e impõe que abjure imediatamente, ou, então, que o faça no prazo máximo de quarenta dias. Em 15 de fevereiro, Bruno declara-se disposto a abjurar. Mas, ao invés da abjuração, ele apresenta uma memória dos fatos ocorridos ao longo da sua vida, na qual reconhece os seus erros cometidos (Lopes, 2014, p. 11-12).

De acordo com Naess (2015), o documento elaborado por Belarmino, que serviu de libelo contra Bruno, ao que consta, desapareceu. Entretanto, não há dúvidas de que as relações de Giordano com a magia e a sua concepção de transmigração da alma certamente fizeram parte da acusação. Dizia-se que Bruno

acreditava que Moisés era um feiticeiro que iludiu os egípcios por ser mais proficiente que eles em artes mágicas. Bruno também sustentava que deve haver um número infinito de universos, porque qualquer outra coisa seria uma limitação de onipotência de Deus. Esta ideia era vista como herética porque não conferia à Terra o lugar central no Universo (Naess, 2015, p.35).

De modo incisivo, o cardeal Belarmino contribuiu para a condenação de Bruno, atribuindo-lhe as adjetivações de “herético impenitente”, “inflexível e obstinado” (Naess, 2015). Ele passou por um processo de sete anos, até ser condenado por blasfêmia, imoralidade, apostasia e heresia, sendo queimado vivo, em 17 de fevereiro de 1600, no Campo di Fiori, em Roma.

4. Tratado da magia

Durante muito tempo, as obras de Giordano referentes ao modelo heliocêntrico e suas ideias mais polêmicas, como a existência de exoplanetas e de civilizações extraterrestres, foram objeto de estudo, o que o colocou num patamar ao lado de Copérnico (1473-1543) e de Galileu (1564-1642). Porém, ao final do século XIX, despertou-se a atenção para um Giordano mais ocultista e esotérico, ao serem desenterradas obras como esta, objeto do presente estudo.

O *Tratado da magia* foi escrito entre 1590 e 1591, em Frankfurt. Naquele momento, Bruno já com ordem de expulsão da cidade, ditou esta obra a seu discípulo Girolamo Besler, conforme Bruno (2008, p.14). Note-se que, desde o século XIV, a igreja, por meio de tribunais da Inquisição, reprimia tanto as seitas heréticas quanto as práticas de magia.

Bruno dominava a arte da memória e, ao que se sabe, ele ditava diretamente de memória suas obras para mais de uma dezena de copistas, garantindo a difusão de vários exemplares do original (Bruno, 2008, p.14).

Antes de penetrar no conteúdo do *Tratado*, convém explicitar a definição dada por Malinowski (2022, p.57), de que a magia “é um dote primordial do ser humano que só pode ser conhecido através da tradição; a magia afirma o poder autônomo do homem de criar os fins almejados”. Diferentemente dos preceitos religiosos, que se submetem a um (ou vários) ser(es) divino(s), a magia serve aos propósitos particulares do ser humano e, incontestavelmente, é um caminho para a heresia.

No presente momento, apresenta-se a análise do conteúdo da obra em discussão. Antes de iniciar suas considerações acerca da magia, Giordano Bruno (2008) distingue vários sentidos do termo. Inicialmente, ele associa o primeiro sentido de magia aos diversos tipos de magos. De acordo com sua classificação, o termo “mago” significaria “sábio”. Dentre os exemplos, ele cita:

- Os trismegistos, diversos autores na antiguidade egípcia que, nos séculos II e III, escreviam sob a mesma denominação (Hermes Trismegisto). Desse modo, criaram uma figura mítica, associada a uma literatura hermética, com a clara intenção de se opor ao cristianismo que se consolidava. Note-se que o termo Trismegisto significa três vezes grandíssimo, um apelo ao resgate do paganismo. Um aprofundamento acerca da tradição hermética pode ser encontrado em Yates (1995).
- Os druidas (gauleses), praticantes de uma filosofia natural animista, eram mentores espirituais da sociedade celta; todavia, não se tratava de mediadores entre os deuses e o homem. Tratava-se de sábios que exerciam as funções de mestres, sacerdotes, juízes, médicos e filósofos entre as tribos celtas da região, desde a Península Ibérica até a Anatólia (Silva, 2018, p. 103). A ideia de animismo presente nos deuses está presente no pensamento de Bruno, condenado como herético.

- Os gimnosofistas indianos (“sábios nus”), ascetas a tal ponto de considerarem alimentos e roupas ingredientes prejudiciais à pureza do pensamento. Eles praticavam adivinhações e prediziam o futuro, alegando poderem usufruir da aparição de deuses (Silva, 2018, p. 104).
- Os cabalistas judaicos, divulgadores de tradições das escritas judaicas associadas a ensinamentos místicos. Segundo Maçaneiro (2011, p. 76), “apesar de algumas posturas controversas, a cabala se legitima como hermenêutica interior da mesma Torá, desdobrando-se em diferentes escolas teóricas e práticas”.
- Os magos persas pós-Zoroastro, seguidores daquela que, antes da conquista muçulmana, foi a principal religião da Pérsia (atualmente, denominada Irã). Conforme Fernandes (2003, p. 13), grande parte de conceitos encontrados no Antigo e no Novo Testamento tem sua origem no zoroastrismo (diversos reis persas citados na Bíblia seguiam essa religião).
- Os sofistas gregos, estigmatizados pelo pensamento platônico, pois, de acordo com Araújo (2014, p. 28), todos os documentos reais e prováveis sobre os sofistas se perderam no tempo, “por isso todo conhecimento que temos sobre os mesmos são sempre deficientes ou platonicamente influenciados”.
- Os sábios romanos, que praticavam rituais religiosos públicos e privados. Apesar de proibição imposta nas Doze Tábuas (legislação datada de 450 a.C., identificada como a origem do Direito Romano), elementos de magia estavam presentes em ritos agrícolas e terapêuticos, por exemplo (Silva, 1999).

Além desse primeiro sentido de mago (e magia), Giordano Bruno foi mais profundo e associou o termo às seguintes concepções:

- Magos que praticavam a denominada magia natural, fenômenos oriundos da aplicação de princípios ativos e passivos, presentes na medicina e na química, por exemplo (Bruno, 2008, p. 29).
- Magos praticantes da magia dos prestígios. Sua magia parece ser oriunda de uma natureza ou de uma inteligência superiores. Visa impressionar as pessoas, fazendo-as crer que o mago goza de poderes sobrenaturais.
- Magos que praticavam uma magia, também chamada de natural, mas que não se restringiam aos princípios ativos e passivos. Pressupõe que todas as coisas possuem alma (ou espírito) e que a magia surgiria da simpatia ou da antipatia entre elas (Bruno, 2008, p. 30).
- Magos que praticavam uma magia intermediária entre a magia natural e a sobrenatural, também classificada como magia matemática ou filosofia oculta (Bruno, 2008, p. 30). Nessa prática, além dos elementos presentes na magia natural, acrescentam-se palavras e cantos (supostamente associados à satisfação dos desejos do mago), bem como relações envolvendo números, caracteres ou letras, figuras e imagens, por exemplo.
- Magos praticantes da metafísica (teurgia). Eles se apresentavam como vasos ou canais de comunicação com espíritos, deuses e demônios. Por meio de certos rituais, a invocação seria realizada. Estes magos, muitas vezes, agem como vassalos dos denominados demônios superiores com o intuito de comandar ou governar os denominados demônios inferiores, conforme explica Bruno (2008, p. 31).

- Magos adeptos da necromancia, isto é, quando se invoca a alma dos defuntos (inteiros ou partes do corpo) para se indagar acerca do passado e do futuro. Nessa modalidade, na ausência do corpo material, o mago (pitônico) recorrerá a um espírito-incubo que se apossaria de um ser vivente à guisa de oráculo.
- Magos maléficos e benéficos usam a magia para provocar moléstias e até mesmo a morte de alguém. Nessa modalidade, o mago utiliza, para o encantamento, peças de vestuário, secreções ou outras coisas que tenham pertencido àquele que virá a ser encantado.
- Os denominados adivinhos, classificados por Bruno (2008, p. 32) em adeptos da piromancia (inspirados pela natureza) e da hidromancia (inspirados pela observação matemática ou astrológica). Este tipo de magia também costuma ser chamado de profecia, apesar da polêmica que esse termo possa suscitar.
- Os denominados loucos malfazejos, que usam a magia para prestar assistência ou provocar danos pelo simples comércio da magia, recorrendo, não raro, a pactos demoníacos. Nesse ponto, Giordano Bruno faz alusão à simpatia que alguns daqueles por ele denominados pejorativamente de encapuzados (monges e frades) nutriam por este tipo de magia.

Essa classificação, feita por Bruno, demonstra o quanto ele era versado no assunto. Sua compilação de diversos tipos de magos e magias era, no mínimo, fruto de uma curiosidade intelectual ímpar.

Uma vez feitas as considerações acima, agora é possível falar em mago e magia sem que paire qualquer dúvida, posto que é possível distinguir exatamente de que tipo de situação se trata. Em seguida, pode-se classificar a magia de três categorias: a divina (mundo arquetípico), a natural (mundo físico) e a matemática (mundo racional). Segundo Bruno (*id.*, p.35), as duas primeiras são, por natureza, boas e excelentes; porém, a terceira poderia ser boa ou má, a depender da natureza dos magos que a usarem, tendo potencial para que se encontre nesta terceira modalidade malícia, crime e agravo de idolatria.

O termo matemático não se refere à matemática em si, mas a elementos de magia que a ela se assemelham. Por exemplo, a utilização de figuras e símbolos matemáticos, números e cálculos, períodos e movimentos, e dos “fascínios” do olhar (um dos vínculos que unem os espíritos, procedentes da visão).

Bruno cita uma hierarquia axiomática que se processa na seguinte ordem: Deus, deuses (incorpóreos), corpos celestes ou astros, incluindo a Terra (divindades corporais), demônios (guardiões e habitantes dos astros), elementos, corpos compostos, sentidos, ânimo e ser vivo. Nesta escala apresentada por Bruno (*id.*, p. 38), Deus (Uno, Simplíssimo, Altíssimo, Absoluto, Incorpóreo, Excelente) ocupa a posição de destaque, representando o ato puro e a potência ativa, a luz puríssima. A matéria, por outro lado, representa o nível ínfimo, trevas, pura potência passiva. A luz sobrepuja as trevas, ao passo que as trevas não conseguem sequer se igualar à luz.

No mundo arquetípico (magia divina), há amizade e luta. No físico, água e fogo; no racional (matemático), luz e trevas. Pode-se então inferir a origem dos mundos ao se perceber que a luz e as trevas têm origem no fogo e na água, e estes, na concórdia e na discórdia. Assim, o primeiro mundo (arquetípico), por intermédio do segundo (físico), produz o terceiro (racional).

Ele, entretanto adverte que, embora reconheça que toda a ciência pertence ao conjunto das coisas boas, alegando para tal afirmação a anuência de Aristóteles (384-322 a. C.) e Tomás de Aquino (1225-1274), Bruno (2008, p.40) afirma que “convém, contudo, manter tais matérias fora do alcance do profano, do celerado e da multidão: pois nada de bom existe no mundo que uma raça de gente ímpia, sacrílega e naturalmente criminoso não consiga usar mais para a ruína que da vantagem dos nossos semelhantes”.

Em seguida, Bruno disserta acerca de matéria e ânimo, natureza (intrínseca e extrínseca) e vontade (humana, demoníaca e divina), e das atribuições da alma, por exemplo, de se difundir para fora do corpo, em direção a todos os horizontes de sua natureza.

Bruno classifica a natureza intrínseca em matéria (ou sujeito) e em forma (com sua virtude natural). Quanto à natureza extrínseca, é classificada em imagem da natureza (que se vê na superfície dos corpos, como o calor e a luz do Sol) e em aquilo que a matéria emana (luz radiada do Sol interagindo com os corpos iluminados e calor presente nos corpos aquecidos, por exemplo). Nesse ponto, Bruno (2008, p.41) faz uma defesa implícita do modelo copernicano ao afirmar que um único sol (único calor, luz única), por meio de um jogo de aproximação e afastamento, produz o inverno e o verão.

Com relação às virtudes, ele considera aquelas aparentes, como aquecer, resfriar, amolecer, endurecer, dentre outras, e as ocultas, cujos efeitos externos são, por exemplo, alegria, tristeza, desejo ou repugnância. Trata-se, segundo ele, de um atributo que a Natureza concede às espécies, um espírito interior, que as permite se conservarem, distanciando-se de inimigos ou perigos iminentes (Bruno, 2008, p.44). Aqui, ele extrapola esse conceito de espírito interior também para as coisas inanimadas, como no exemplo apresentado de uma gota de água que, ao cair, para contrariar essa queda, adquire a forma coesa de uma esfera, ou de palhas que, ao serem queimadas, se deitam, como se buscassem fugir da ação do fogo.

Com relação à magia, Bruno foi acusado de heresia, conforme já descrito, por tê-la usado, segundo as acusações, para fins de bruxaria. Além disso, ele classificava Moisés, os apóstolos e o próprio Cristo de praticarem magia e não milagres. Lembrando Malinowski (2022), a magia é fruto do poder do homem, enquanto que o milagre é oriundo da intervenção divina. Negando a intervenção divina, Giordano Bruno incorria em forte heresia.

5. O espírito único ou a alma do mundo

Bruno evoca que o universo possui um espírito único, que se espalha por todo o espaço, que está presente em tudo, que sente todos os efeitos e paixões que podem ser observados nos seres humanos. Em suas palavras (Bruno, 2008, p.44-45), “a nossa alma, em todo nosso corpo, produz a obra da vida de maneira primeira e universal, mas, embora esteja inteira no nosso corpo inteiro, e toda em qualquer parte dele, não procede daí que faça tudo em todo o corpo ou a partir de qualquer de suas partes”. Aqui, ele se refere à percepção pelos sentidos. Entretanto, como esse espírito (a alma do mundo) estaria em todo lugar, não agiria de forma homogênea, posto que há uma heterogeneidade de matéria a ser administrada por essa alma. Esse princípio essencial faz com que um nervo seja um nervo, uma veia seja uma veia, um órgão seja um órgão, o que justifica as causas de todas as maravilhas da natureza.

Conforme já foi dito, esse espírito se espalha também pelas coisas inanimadas, de modo que explicaria a diferença entre as espécies de sementes ou entre os elementos químicos. Daí, ele conclui que “todo o mago que quiser executar operações semelhantes às da natureza deve em primeiro lugar conhecer o princípio ideal, depois o princípio específico da espécie, a seguir o princípio numeral para grupos numerosos, e por fim o princípio individual para o indivíduo” (Bruno, 2008, p.48).

Outra consequência polêmica da concepção proposta por Bruno (2008, p.52) é a de que a alma não estaria incluída no corpo segundo uma ação primeira e a substância, mas se apresentaria no corpo de modo que nele se manifestasse por ações segundas. Na filosofia da ação, busca-se determinar como estas diferem de outras formas de comportamento, como, por exemplo, os reflexos involuntários. Uma ação é realizada intencionalmente por uma pessoa com um propósito. Por exemplo, se o indivíduo está com sede e quer beber água (desejo) e acredita que o líquido diante dele é água (crença), seu corpo desenvolve um comportamento (estender a mão, pegar o copo de água e beber o líquido). Compreendendo-se esse

conceito, pode-se perceber a relevância de Bruno ter colocado a alma como se apresentando numa ação segunda, e não primeira. Ideias como essas contribuíam para a formação de um conjunto de acusações de heresias que resultou na condenação de Bruno.

6. A transmigração da alma

No intuito de focar no objetivo principal do presente artigo, a atenção será agora dirigida ao que Bruno denomina "comunhão entre as coisas". Ele defende o que chama de comunidade do espírito universal, pois, segundo ele, do mesmo modo que existe uma superposição de luz num mesmo espaço, as almas (diversas entre si no plano da potência e da ação) se associam no universo, segundo um número finito ou infinito. Considerando que o corpo é regido pela alma (ou por um espírito que ata as partes entre elas), uma alma de onde se encontra poderia agir sobre uma alma vizinha (transmigração da alma), atuando, conseqüentemente, sobre outro corpo.

Esse ponto apresenta um conceito bastante polêmico, pois leva à denominada continuidade indissolúvel da alma. Desse modo, a alma abandonaria um corpo que havia perdido a vida, mas continuaria atuando em um corpo universal. Logo, a alma estaria indissolúvelmente ligada à matéria universal (Bruno, 2008, p.58). Nestes termos, o vazio perderia o sentido, passando a ser considerado um espaço em que diversos corpos se sucedem e se movem.

A ubiquidade, a fluidez e a sutileza do mana (conjunto de forças sobrenaturais), inicialmente restritas ao animismo, se espalham para os animais, as plantas e os objetos. Trata-se de uma afirmação bastante polêmica. Pode-se, portanto, compreender o desconforto que essa concepção é capaz de provocar na sociedade.

Em suas alegações, Bruno apresenta argumentos de Lucrécio (94-50 AEC), cuja única obra conhecida é *De rerum natura* (Sobre a natureza das coisas), um poema filosófico que trata de princípios e da filosofia do epicurismo e é uma das primeiras obras filosóficas a versar sobre o ateísmo. Ele foi um precursor de ideias materialistas e antirreligiosas na cultura ocidental. De acordo com sua obra, existem outros mundos, como o universo, similares a este, com outras formas de vida e, possivelmente, "outras humanidades".

A defesa desse ponto foi bastante comprometedora para Bruno, em seu processo por heresia perante a Inquisição romana. Segundo Bruno, as estrelas seriam sóis como o nosso, cercadas por seus próprios sistemas planetários, que poderiam abrigar formas de vida (pluralismo cósmico). Além disso, o universo seria infinito e, portanto, não poderia ter um centro (Bruno, 2016).

Para Bruno, a atração ou repulsão entre os corpos tem a ver com a modalidade de composição dos corpos (terra, água, ar e fogo). Como exemplo, ele cita o caso do Sol (fogo) não atrair a água por meio do espaço aéreo. A atração só ocorre quando a água é transformada em vapor (sendo assimilada ao ar) e, acedendo pouco a pouco à parecença do fogo, ela se torna nesse mesmo fogo, sendo atraída pelo Sol por um impulso natural, num percurso da água ao vapor, do vapor ao ar, do ar ao corpo etéreo (Bruno, 2008, p.61). No sentido inverso, o fogo presente no espírito, ao se tornar matéria, voltaria à sua forma aquosa.

Bruno (2008, p.62) define a substância material como constituída por átomos (indivisíveis, ininterruptos e descontínuos, em sua concepção). Para ele, a substância da água, do espírito ou do ar, que é a mesma, jamais se transformará em substâncias de átomos ou vice-versa. Assim, os princípios das coisas consideram quatro elementos que não podem mudar sua natureza:

- Água, abismo ou Estige;
- Terra, substância seca ou átomos;
- Ar, espírito ou alma;

- Luz;

Conforme descrito em Barreto (2009), Bruno considerava a imortalidade da alma e sua transmigração para outros corpos, sustentando, perante a Inquisição, que as almas seriam substâncias subsistentes, isto é, possuiriam intelecto, e que, catolicamente falando, não passam de um corpo para outro, mas vão ou ao paraíso, ou ao purgatório, ou ao inferno". O autor acrescenta que

Este argumento trata-se, a rigor, de uma saída bastante simplista para as acusações que vinha sofrendo, ou seja, um mero resgate de dogmas católicos (paraíso, inferno) dos quais há muito não compartilhava. Porém, Bruno, cansado e possivelmente vendo desvelar-se seu terrível fim, resolve assumir audaciosamente que reviu sua postura: Refleti bem, e seguindo as razões filosóficas (que estabelecem) que a alma subsiste sem o corpo e é incorporada ao corpo, (então, a alma) do mesmo modo que está no corpo pode estar noutro, e passar de um corpo a outro. Isto, se não for verdadeiro, parece ao menos verossímil com aquilo que dizia Pitágoras (Barreto, 2009, p.16).

Em sua defesa, Giordano Bruno tenta diferenciar sua filosofia da fé católica, argumentando que suas ideias não atingem os dogmas do catolicismo, por se tratarem de resultados obtidos exclusivamente por meio de argumentos filosóficos (Barreto, 2009). Todavia, esse pressuposto não se verifica, pois a Inquisição compreende que há uma fusão entre a filosofia e a religião de Bruno, ambas consideradas herméticas. Entende-se que Bruno serviu-se do pensamento de modo hermético e semi-mágico para alcançar o conhecimento intuitivo do divino (Yates, 1987, p. 278).

O processo teve uma duração de quase oito anos, pois inicia-se nos primeiros meses de 1592 e se encerra em janeiro de 1600, o qual contribuiu, segundo Ricci (2000), para que Bruno na última fase oscilasse entre o desejo de escapar à morte, quando decide abjurar, e a relutância em abandonar as suas ideias, principalmente sobre alguns pontos que considerava inegociáveis como, por exemplo, a infinitude do universo ou a teoria da alma universal. Se abjurasse, corria o risco de negar o entendimento filosófico ao qual havia tido acesso, pois, com a abjuração, a sua filosofia também seria negada e sufocada pelo silêncio ao qual seria condenada, juntamente com o seu idealizador (Lopes, 2014).

7. Discussão

O antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), em seus livros *Primitive Culture* (Tylor, 1871a, 1871b) e *Anthropology* (Tylor, 1881), estabeleceu o contexto do estudo científico da antropologia, em particular as bases para o estudo antropológico da religião. Para Tylor, as sociedades passavam por três estágios de desenvolvimento: selvageria, barbárie e, finalmente, civilização. Ele considerou o animismo (crença em seres espirituais) a essência da religião primitiva.

Em sua teoria, Tylor defendia que, desde a época da selvageria, já havia uma concepção de diferença entre a alma humana e o corpo. Daí, a consequência de que a alma continuaria naturalmente a existir após a morte do corpo (Malinowski, 2022, p.11). A justificativa para tal seria que ela apareceria em sonhos, memórias e visões, de modo que continuaria a influenciar os destinos dos vivos.

Apesar de Tylor ter influenciado diversos pioneiros da antropologia, estudos mais recentes, de acordo com Malinowski (2022, p.14), demonstram que as civilizações primevas (selvagens, no caso) estariam menos preocupadas com o animismo e mais com o totemismo, uma postura mais próxima da realidade e de seus interesses imediatos da vida prática.

De acordo com Silva e Costa (2022), a transmigração da alma já estava presente em civilizações antigas. Para os egípcios, dos quais se supõe que houve influência sobre as ideias de Bruno, a imortalidade da alma humana estava associada à transmigração. Com a morte do corpo, a alma passaria a habitar o corpo de outro ser vivo, recém-nascido, e "depois de ter percorrido (*periélthê*) todas as espécies terrestres, aquáticas e aéreas, ela vem novamente a se instalar no corpo humano" (Spinelli, 2013, p. 378).

Segundo Silva e Costa (2022), uma das primeiras origens remotas da ideia de transmigração da alma é geralmente atribuída ao orfismo. Essa ideia, que modernamente ganhou uma ressignificação por parte da doutrina espírita, associando esse evento ao aperfeiçoamento do espírito humano, tinha fulcro nos seguintes princípios:

- No homem hospeda-se um princípio divino, um *daimón* (alma) que caiu em um corpo por causa de uma culpa originária.
- Esse *daimón* não apenas preexiste ao corpo, mas também não morre com ele, pois está destinado a reencarnar-se em corpos sucessivos, afim de expiar aquela culpa originária.
- Com seus ritos e práticas, a “vida órfica” é a única que pode pôr fim ao ciclo das reencarnações e, assim, libertar a alma do corpo.
- Para quem se purificou (os iniciados nos mistérios órficos) há um prêmio no além (da mesma forma que há punições para os não iniciados) (Reale; Antiseri, 2003, p. 9).

Parecia reconfortante a crença na continuidade espiritual após a morte, na imortalidade, antítese da morte, baseada na independência do espírito em relação ao corpo. Mas, um fato, no mínimo polêmico, que está presente na obra de Giordano Bruno, seria o conceito de almas ou espíritos presentes em animais, plantas e objetos. Embora questionada ao longo dos tempos, essa ideia, na época de Bruno, era compreensivelmente aceita, devido às condições culturais vigentes, porém, como se compreende, era herética à luz da Inquisição.

Conforme Barreto (2009), em seu tratado de Magia, Giordano Bruno defendeu a existência de certa comunhão no espírito universal, que, de acordo com seu pensamento, se encontra inteiro tanto no todo quanto em cada parte. “Isso ocorre de tal modo que tudo e todas as coisas estão cheias de espírito, de alma, de potência superior, de Deus ou de divindade, o que faz com que intelecto e alma se encontrem inteiros em todos os lugares” (Barreto, 2009, p.11).

Cultos mágicos de fertilidade, de plantações, de estímulo e controle do sol, da chuva, de animais e de seres humanos, entre outros, permearam o universo de ritualismo e do misticismo do homem selvagem. No *Tratado da magia*, Bruno compila um conhecimento que, mesmo depois de milênios de evolução do ser humano, ainda estaria presente no senso comum e, pelo que se pode ver, também confundia os sábios (deve-se lembrar, conforme o próprio Bruno afirmou em sua obra, que mago seria um sinônimo de sábio).

Com relação ao que foi dito acima, mesmo hoje em dia, é possível observar uma parte considerável dos indivíduos se sentirem seduzidos por magia, mesmo que elas assim não percebam. Magia com animais, pedras, plantas ou outros objetos faz parte de rituais pseudocientíficos, estimulados pela crença de que o homem pode obrigar a natureza a servi-lo. Porém, mesmo o homem primevo percebeu que a magia, sozinha, não serve pra nada. Uma plantação de milho não vai render frutos se não for cultivada; para navegar, é preciso construir uma embarcação; uma atitude de bravura e de autoestima não é suficiente para vencer uma luta. Em suma, a magia é dispensável, nada se consegue esperando apenas pela crença ritualística.

Mesmo sendo considerado alguém que dominava e utilizava com frequência a magia, esta não foi suficiente, nem para Bruno nem para muitos outros, para escapar da condenação. A linha que separa a ousadia da heresia é muito tênue. Além disso, sabe-se que determinados argumentos, mesmo que demonstrados posteriormente como corretos, não eram capazes de convencer o Santo Ofício. Ao conjunto de heresias imputadas a Bruno somaram-se suas concepções acerca de alma e de sua transmigração.

8. Considerações finais

Giordano Bruno costuma ser apresentado em livros didáticos como o filósofo brilhante que não teve a mesma “sorte” de Galileu Galilei. Enquanto este último se salvou da fogueira, Bruno não teve a mesma sorte. Raramente se menciona algo de seus trabalhos, limitando-se apenas ao fato de que ele foi um defensor do heliocentrismo. Mas, há muito mais em suas obras e no seu pensamento científico e filosófico que foi capaz de inquietar o Santo Ofício. Conforme discutido na seção anterior, dentre as acusações que pesaram contra ele, consideradas indubitavelmente heréticas durante seu processo, destacam-se também sua relação intrínseca com a magia, como feitiçaria, e a defesa de uma transmigração da alma, que abrangia, inclusive, o animismo. Apesar de ser uma visão presente em culturas antigas e selvagens, no contexto da fé católica é claramente herética.

Apesar de ser um homem de fé, Giordano era um visionário; não se submetia às amarras impostas pelas ordens religiosas, de modo que, mesmo crendo nos preceitos divinos, tornou-se pregador de si mesmo, defendendo uma visão aberta de mundo, tanto que foi acusado de querer fundar uma nova Igreja, conforme já mencionado. Em sua obra, é visível a importância que ele atribuiu ao animismo, especialmente ao estender o conceito de alma a seres inanimados. Essas e outras posições, consideradas heréticas, colocaram Bruno em perigo de morte. Seu comportamento resultou em punições, multas, excomunhões e no processo da Inquisição, culminando em sua morte na fogueira.

Um ponto bastante controverso na obra de Bruno é seu conceito de animismo. Sua concepção de uma alma do mundo, ampliando o conceito de alma para seres vivos e inanimados, era arrojada e, para dizer o mínimo, imprudente para a época (talvez até para hoje). Ele acreditava numa alma do mundo que estaria em todo lugar, se espalhando e sendo responsável, por exemplo, pela diferença entre as espécies de sementes, ou entre os elementos químicos. Ele julgava esse conhecimento fundamental para qualquer indivíduo (mago) que desejasse incluir o controle dos fenômenos da natureza em suas magias.

Não bastasse o conceito de alma do mundo, Bruno defendia que o corpo, sendo regido pela alma (ou por um espírito que liga as partes entre elas), uma alma de onde se encontra poderia agir sobre uma alma vizinha (transmigração da alma), atuando, conseqüentemente, sobre outro corpo. Não é necessário comentar que esse ponto, por si só, já abriria espaço para uma condenação por heresia. Bruno acreditava nesse espírito universal que teria como consequência a denominada continuidade indissolúvel da alma: ela abandonaria um corpo que perdeu a vida, mas continuaria atuando num corpo universal, ou seja, a alma estaria indissolúvelmente ligada à matéria universal.

Suas relações com as técnicas mnemônicas foram, em diversas ocasiões, apontadas também como indícios de vínculos com a magia. Além disso, seus vestígios de vislumbres com o hermetismo, a cabala e outras formas de ocultismo construíram um cenário muito prejudicial à sua defesa.

O presente artigo investigou os pormenores do conhecimento de Bruno no que se refere à magia, explanando detalhadamente seu *Tratado da Magia*. Ficou evidenciado que ele dominava amplamente o tema, o que indica, portanto, que agia de forma consciente em relação às supostas práticas de feitiçaria que lhe foram imputadas.

A classificação que Giordano Bruno faz dos tipos de magia e de magos demonstra um conhecimento inequívoco do assunto, com grande profundidade. Lembrando que ele peregrinou por muitos lugares, professou várias denominações religiosas e teve contato com diversas culturas, é razoável supor que sua mente estivesse aguçada para um tema tão relevante, embora proibido. O conjunto dessas ideias, porém, numa mente aberta e audaciosa, naturalmente seria capaz de produzir um gênio da estirpe de Bruno. Em outra época, este fato seria digno de muita admiração, mas, no período de sua vida, tratava-se de um talento que poderia ser confundido com práticas heréticas, como, de fato, aconteceu.

A discussão realizada no presente artigo permitiu também compreender as concepções que ele sustentava quanto à sua visão da transmigração da alma. Diante de uma posição tão herética, o impacto dessas percepções em seu processo, aliados, especialmente, às negações de dogma propiciaram à Roberto Belarmino a construção de um libelo consistente que culminou com a condenação de Bruno à pena de morte.

Pode-se concluir que Giordano Bruno foi ao mesmo tempo um homem da ciência e um homem de fé, embora, em sua acusação, pese a suposição de que ele pretendia criar uma nova doutrina. É inegável sua defesa do modelo heliocêntrico, assim como de outras ideias inovadoras no campo da ciência discutidas no período em que viveu. Mas, ao longo de toda a sua vida, ele transitou por várias denominações religiosas: primeiro pelas ideias muçulmanas à luz das interpretações da filosofia aristotélica, inspirado por Averrões; em seguida, pela fé católica em sua vida como monge; e, depois, pelo protestantismo. Além disso, a magia também fez parte do seu repertório, o que se compreende, pois, em sua época, a magia ocupava uma posição importante no imaginário popular e a linha que separava a magia da religião ainda não parecia estar bem definida. Além disso, há também o fato de ela fazer parte da cultura de várias civilizações, por se tratar de um fenômeno relacionado a aspectos sociais e culturais.

O presente artigo tem suas limitações no fato de tratar-se de uma abordagem da história e da filosofia da ciência centrada na obra *Tratado da magia* de Giordano Bruno. Aqui não foram considerados aspectos de natureza epistemológica, nem se focou numa extensa biografia dele. A análise realizada teve como objetivo demonstrar que as acusações feitas contra Bruno extrapolaram as questões concernentes ao heliocentrismo e que o caso dele foi diferente do de Galileu. As implicações do processo contra Bruno incluíam agravantes muito sérios.

Como perspectivas futuras, abre-se a possibilidade de uma exploração mais epistemológica das relações de Bruno com a magia e de uma discussão teológica sobre os dogmas religiosos que Bruno refutava por meio de suas ideias e teorias.

9. Contribuição dos autores

Alberes Lopes de Lima: conceitualização, rascunho original, redação, visualização, revisão e edição. Mayara Lopes de Freitas Lima: conceitualização, metodologia, pesquisa, redação, revisão e edição.

10. Declaração de fontes de financiamento

Este estudo não recebeu apoio financeiro de nenhuma instituição ou agência financiadora.

11. Declaração de não utilização de inteligência artificial

Durante a preparação, redação, revisão e edição do presente trabalho, os autores não utilizaram inteligência artificial.

12. Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste artigo.

13. Referências

Aguirre, F. M. S., & Toledo, S. Z. D. (2023). Uma mirada al pensamiento mágico de Giordano Bruno. *Human Review*, 18(4902), 2-8. <http://doi.org/10.37467/revhuman.v18.4902>

- Arantes, E. M. M. (2019). Giordano Bruno, parresiasta. Filósofo e poeta do universo infinito. *Mnemosine*, 15(1), 437-451. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/45996>
- Araújo, D. V. (2014). Acerca dos preconceitos contra os sofistas. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, (10), 15-29. <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/5678>
- Barreto, R. M. (2009) Do infinito, da magia e da inquisição: uma observação históricojurídica do processo de Giordano Bruno. *Justiça & História*, 9(17-18), 1-22. <https://bdjur.stj.jus.br/handle/2011/66425>
- Bruno, G. (2008). *Tratado da magia*. Martins.
- Bruno, G. (2016). *Acerca do infinito, do universo e dos mundos*. Calouste Gulbenkian.
- Frazer, J. G. (1890). *The golden bough*. Macmillan and Co.
- Granada, M. A. (1999). "Esser spogliato dall'umana perfezione e giustizia". Nueva evidencia de la presencia de Averroes en la obra y en el proceso de Giordano Bruno. *Bruniana & Campanelliana*, 5(2), 305-331. <http://www.jstor.org/stable/24331707>
- Fernandes, E. D. A. (2003). *As origens históricas do Zaratustra nietzscheano: o espelho de Zaratustra, a correção do mais fatal dos erros e a superação da morte de Deus* (Dissertação de Mestrado em Metafísica). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/cb5730f7-7841-4036-8b2c-de0150a98e08/content>
- Lopes, I. C. (2014). Giordano Bruno: de Nola a Roma. *Reflexões*, 3(5), 01-15. <https://www.revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2017/07/1.-Ideusa-Dr.-UVA-Giordano-Bruno.pdf>
- Maçaneiro, M. (2011). Os mistérios da Criação segundo a Cabala Judaica. *Teologia em Questão*, (20), 75-84. <https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/129>
- Malaguti, F. (2018). Giordano Bruno and the Islamic Tradition. *International Journal of Theology, Philosophy and Science*, 2(2), 117-131. <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=690845>
- Malinowski, B. (2022). *Magia, ciencia e religião*. Vozes.
- Naess, A. (2015). *Galileu Galilei: um revolucionário e seu tempo*. Zahar.
- Ricci, S. (2000). Giordano Bruno nell'Europa del Cinquecento. Salerno editrice. https://books.google.com.br/books?id=rz0FAQAIAAJ&printsec=front_cover&redir_esc=y
- Rowland, I. D. (2009). *Giordano Bruno: philosopher/heretic*. University of Chicago Press.
- Santos, W. R. (2019). "*Natura est Deus in rebus*": a filosofia da natureza de Giordano Bruno e a ideia de mínimo (Tese de Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. <https://repositorio.ufmg.br/items/01b06fdf-5b12-4010-b993-53102c895ce1>
- Silva, E., & Costa, M. R. N. (2022). Uma apropriação/ressignificação da doutrina da transmigração das almas da tradição mítico-filosófica antiga, por parte do espiritismo, na modernidade. *Revista Ideação*, 1(45), 501-520. <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i45.7670>
- Silva, F. J. (2018). Os gregos e a Índia: os gimnosofistas e sua influência sobre filosofia grega. *Revista Instante*, 1(1), 101-111. <https://revista.uepb.edu.br/revistainstante/article/view/146>
- Silva, G. V. (1999). Magia e poder no Império Romano: a perseguição aos mágicos e adivinhos entre a História e a Antropologia. *Dimensões*, (8), 34-40. <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2291/1787>
- Spinelli, M. (2013). A tese pitagórico-platônica da metempsicose enquanto "teoria genética" da antiguidade. *Educação e filosofia*, 27(54), 731-754. <http://educa.fcc.org.br/pdf/educfil/v27n54/v27n54a15.pdf>
- Reale, G., & Anteseri, D. (2003). *História da filosofia antiga: das origens a Sócrates*. v. I. Tradução Marcelo Perine, Edições Loyola

Tylor, E. B. (1871a). *The Origins of Culture*. John Murray.

Tylor, E. B. (1871b). *Religion in Primitive Culture*. John Murray.

Tylor, E. B. (1881). *Anthropology: an introduction to the study of man and civilization*. Macmillan and Co.

Yates, F. A. (1987). *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Cultrix.